

ALFABETIZAÇÃO E DISCURSO

DILEMAS E
CAMINHOS
METODOLÓGICOS

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unesco/Unicamp
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Prof. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Cecilia M. A. Goulart
Inez Helena Muniz Garcia
Maria Cristina Corais
(organizadoras)

ALFABETIZAÇÃO E DISCURSO

DILEMAS E
CAMINHOS
METODOLÓGICOS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alfabetização e discurso : dilemas e caminhos metodológicos / Cecília M. A. Goulart, Inez Helena Muniz Garcia, Maria Cristina Corais (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2019.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-577-6

1. Alfabetização – Métodos 2. Educação 3. Interação professor-aluno
4. Prática pedagógica 5. Professores – Formação 6. Sala de aula
I. Goulart, Cecília M. A. II. Garcia, Inez Helena Muniz. III. Corais, Maria Cristina.

19-30621

CDD-372.416

Índices para catálogo sistemático:

1. Alfabetização : Metodologia : Educação 372.416

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mercado de Letras

revisão: Leda Farah

bibliotecária: Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

O U T U B R O / 2 0 1 9

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

DEDICATÓRIA

Dedicamos o livro às professoras alfabetizadoras que aceitaram compartilhar a riqueza de suas experiências no cotidiano das salas de aula e caminhar conosco para investigar aspectos ainda pouco conhecidos dos processos de alfabetização. Flávia, Gabriela, Hebe, Lidia e Natalia: muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o compromisso e o empenho do grupo de pesquisa Linguagem, cultura e práticas educativas (chamado na intimidade de Estação Santa Fé) para que o livro se tornasse realidade. Agradecemos especialmente à Angela Vidal Gonçalves, à Érika Menezes de Jesus, à Rosimere Manzani Pereira Lagares e à Vanêsa Vieira Silva de Medeiros, pela colaboração na finalização do material – imagens, referências e revisão final dos textos.

SUMÁRIO

- PREFÁCIO 9
Ana Luiza Bustamante Smolka
1. PARA INÍCIO DA CONVERSA SOBRE OS PROCESSOS
DE ALFABETIZAÇÃO E DE PESQUISA13
Cecília M. A. Goulart
2. “TIA, VOCÊ NÃO DISSE QUE IA TRAZER AQUELA COISA
PRA GENTE?”: O DESAFIO DE ABRIR ESPAÇOS PARA
OUVIR AS CRIANÇAS..... 47
*Flávia Casseres, Angela Vidal Gonçalves e
Iara Maravalha Freire*
3. “EU DISSE PRA MINHA MÃE ME COLOCAR NA ESCOLA
QUE ENSINA A LER E A ESCREVER?”: O VALOR DOS S
UJEITOS E DO CONHECIMENTO SOCIAL LEGITIMADO..... 67
*Gabriela Medela da Silva, Adriana Santos da Mata e
Rosimere Pereira Manzani Lagares*
4. “NÃO! A GENTE QUER QUE VOCÊ ESCREVA NO PAPEL!
VOCÊ AJUDA A GENTE A FAZER ISSO?”: O PROCESSO
DE APRENDER A ESCRITA COM A PRÓPRIA ESCRITA..... 89
*Natalia Pinagé Ribeiro, Érika Menezes de Jesus,
Maria Cristina Corais e Marta Lima de Souza*

5.	AS PALAVRAS “ <i>GOSTAM DE BRINCAR</i> ”, “ <i>FAZEM PEGADINHAS</i> ”: ALTERIDADE, ÉTICA E CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO ESCRITO COM AS CRIANÇAS.	111
	<i>Hebe Duarte, Inez Helena Muniz Garcia, Juliana Roifé e Lúcia Maria Ferreira de Oliveira</i>	
6.	“ <i>ESSE ANO EU VOU VENCER A BATALHA DE APRENDER A LER E A ESCREVER</i> ”: EDUCAÇÃO COMO RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO DOS SUJEITOS.	129
	<i>Lidia Soares Satil, Cláudia Cristina dos Santos Andrade, Danielle Correa Reis de Toledo Piza, Isabela Lemos da Costa Coutinho e Vanêsa Vieira Medeiros</i>	
7.	“ <i>TIA, O QUE É ÓPERA?</i> ”: A BUSCA POR NOVOS SENTIDOS E PELA AUTONOMIA PARA SER, ESTAR E ALFABETIZAR.	147
	<i>Flávia Casseres</i>	
8.	“ <i>VOCÊ AJUDA A GENTE A FAZER ISSO?</i> ”: SOBRE LER, ESCREVER, CONVIVER E COMPREENDER.	159
	<i>Natalia Pinagé Ribeiro</i>	
9.	“ <i>NEM SEMPRE É O QUE ACHAMOS QUE É</i> ”: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA SOBRE OS DILEMAS DE SUA PRÁTICA.	173
	<i>Hebe Duarte</i>	
10.	INTERAÇÕES DISCURSIVAS COMO ESPAÇO/TEMPO DE CONHECIMENTO, RESISTÊNCIA CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO: O QUE O OUTRO TEM A DIZER?	189
	<i>Lidia Soares Satil</i>	
	SOBRE AS AUTORAS.	203

PREFÁCIO

Ana Luiza Bustamante Smolka

Cenas de sala de aula. O fazer cotidiano das relações de ensino em foco. Trabalho diário de ensinar crianças a ler e a escrever, e de escrever sobre esse trabalho. Conversas de professoras com professoras, de crianças com professoras, de crianças com crianças no interior da escola. A escuta atenta e o olhar sensível para essas e nessas conversas. Sou convidada a entrar na roda de conversas. E, tomando parte na trama dialógica, deleito-me com os relatos, encontro ressonância e também me flagro nas situações vivenciadas.

É por este prisma, e com grande alegria, que aceito, agradeço e experimento a posição de prefaciador este livro, exercitando um lugar de exotopia em um grupo de professoras pesquisadoras que têm como objeto de estudo as práticas pedagógicas alfabetizadoras e que trazem para discussão detalhes, minúcias, acontecimentos de sua própria prática e de sua vida. O objetivo primordial é compreender como conceber e vivenciar, pela participação ativa e responsiva, o que se tem denominado dimensão discursiva da alfabetização.

Nas tensões do dia a dia, os dilemas da prática, os desconcertos, as hesitações, as inquietudes, mas também as conquistas e os resultados ou efeitos das opções e decisões

tomadas são colocados em pauta. Os gestos e as relações de ensino geram indagações que se tornam questões de investigação sistemática. Há um esforço conjunto de explicitar e de inquirir sobre os pressupostos que fundamentam uma práxis pedagógica e de mostrar como estas práticas alfabetizadoras se realizam e adquirem concretude no cotidiano da sala de aula.

Nas diversas e possíveis (re)configurações do grupo, os diálogos com Bakhtin e Vigotski orientam as escolhas das professoras, enquanto, ao mesmo tempo, questionam, respaldam e suscitam as análises dessas práticas. Outros autores também entram nas rodas de conversas. Dentre eles, Freire, Geraldí, De Certeau, Goulart, Esteban... Mas parece ser nos *diários de aula* de Miguel Zabalza que o grupo encontra provocação e amparo para proceder à explicitação dos *dilemas* da prática no/pelo trabalho de escrever. Dilema curricular, dilema organizativo, dilema disciplinar, outros dilemas... A explicitação dos *dilemas por escrito* vai viabilizando mais claramente a compreensão de que estes não constituem simplesmente um problema de ordem individual, mas atravessam os fazeres e as práticas cotidianas de qualquer professor(a).

A explicitação dos dilemas dá visibilidade às (in)tensões das professoras, aos conflitos e choques de valores vivenciados no cotidiano escolar: seguir ou não seguir o proposto e o cobrado no currículo? Submeter-se ao prescrito ou abrir-se a novas possibilidades e experiências de ensino? As histórias se repetem: o medo, a angústia, o desencanto, a tristeza, o sentimento de perdição, de inadequação, são alguns dos afetos produzidos pela imposição de uma prescrição rígida, da realização de atividades sem sentido, de um procedimento a seguir, na contramão do que as crianças indicam, demandam, solicitam. As ameaças, as barganhas, os simulacros, as estratégias de sobrevivência – dos sujeitos nos sistemas – vão minando as relações, esvaziando de sentido o trabalho educativo.

É aqui, então, que a configuração de um grupo de profissionais, em um projeto de pesquisa para aprofundar os estudos e discutir a própria prática, mostra sua importância e validade. As rodas de

conversa, as indagações e os afetos compartilhados, o papel do outro e as relações de alteridade, vão minimizando as angústias, fortalecendo as (inter)ações, potencializando o conhecimento, contribuindo na argumentação e na convicção de uma práxis teórica e metodologicamente sustentada. As professoras encontram respaldo para enfrentar o já (im)posto, para assumir o risco, para pensar o novo. E vão percebendo como a ousadia para realizar o diferente nas relações com as crianças faz diferença nas relações de ensino.

Nesse movimento, a vivência narrada, registrada, compartilhada, discutida, ganha destaque e relevância no terreno interindividual. Sai do lugar comum. É a experiência vivida, refletida e analisada em conjunto, que vai se (trans)formando no coletivo de trabalho das professoras pesquisadoras. E a experiência vivenciada, objetivada e coletivizada das experiências singularmente vividas evidencia um fecundo lócus de elaboração – social, individual – da consciência.

Deste modo, os textos aqui reunidos contribuem para adensar os princípios e respaldar a práxis orientada pela perspectiva discursiva de alfabetização. Os modos de sentir, de pensar, de ensinar-aprender vão se mostrando nos relatos analíticos das professoras pesquisadoras, documentando e confirmando as repercussões nas crianças em (inter)ação na escola. As reflexões das professoras reverberam nas ações das crianças, potencializando o (desejo de) tornar-se leitora/escritora.

É assim que as crianças indagam, leem e escrevem sobre ópera, e podem, inclusive assistir a uma delas no trabalho criativamente planejado pela professora. É assim que escrevem cartas e reivindicam das diretoras a manutenção do horário de futebol; brincam com as palavras e fazem pesquisas sobre elas; procuram no dicionário as que não conhecem, montam seus próprios dicionários; insistem e persistem no desejo de aprender a ler e a escrever, (re)significando a experiência escolar e encontrando novos sentidos na leitura e na escritura. Nesse movimento, participam ativamente nas relações de ensino, refletem sobre a língua e podem mostrar como o fazem, como operam com e sobre

as formas de linguagem. É assim também que as professoras abrem espaço para a realização de uma dinâmica dialógica na qual o dizer de cada criança é levado em consideração, é relevado. É esse dizer, são essas palavras que se tornam foco de estudo e reflexão das crianças, ao mesmo tempo em que são tomados – dialogicamente, dialeticamente – como lócus de estudo e reflexão das professoras. O valor atribuído às falas das crianças se evidencia no fato de que são essas falas que dão títulos aos textos, dão o mote para o trabalho de reflexão analítica. Ou seja, essa escolha na composição do livro atesta a importância e o sentido da escuta das crianças.

Percebe-se, então, no desenrolar deste projeto, um sutil e ao mesmo tempo instigante deslocamento de ênfase no trabalho coletivo, dialógico, investigativo, do grupo de alfabetizadoras: dos *dilemas da prática* como instrumento de pesquisa, para a *(dial) ética da vida* nas relações de ensino. Preservando as histórias e as singularidades de cada participante – enunciações, entonações, afetos, paixões –, as pessoas cujas vozes se encontram aqui reunidas testemunham e reiteram, porque vivenciam, a dimensão discursiva da alfabetização. Professoras e crianças encontram no cotidiano escolar motivos e sentidos múltiplos e diversos para ensinar/aprender a ler e a escrever (sobre) a própria vida.

Os registros e memoriais de uma práxis compartilhada, os generosos e despretensiosos relatos analíticos, o esforço conjunto de sistematização dos fazeres cotidianos, a explicitação dos pressupostos e princípios que se apresentam nesta coletânea mobilizam lembranças de vivências e nos incitam a participar na dinâmica dialógica. Em tempos tão controversos, a publicação deste trabalho de atuação na escola e de investigação sobre a perspectiva discursiva na alfabetização das crianças traz preciosas contribuições na orientação do olhar e da escuta nas relações de ensino. Mister se faz ampliar e intensificar o diálogo com professoras alfabetizadoras. Que as ideias aqui trabalhadas possam ecoar positivamente nas muitas leituras e em cada leitor(a)...

Com o maior carinho, da Ana Luiza.